

## Editorial

Guilherme Gonçalves<sup>a</sup>

Desde 2015, o mês de setembro nos convoca a pensar em um delicado tema da saúde mental. O então chamado “setembro amarelo” é uma campanha que visa a conscientização de diversos setores da sociedade para o risco de suicídio e de alternativas para prevenção. Para muitos, o aumento de casos de tentativas de suicídio e, conseqüentemente, aumento dos casos de morte por esse fenômeno tem diversas explicações. Não raro, ouvimos dizer que: problemas financeiros, dificuldades nas relações interpessoais e consumo abusivo de drogas teriam contribuído para o alarmante aumento do número de suicídios no país. Considerando a complexidade do tema, mais fatores estariam envolvidos e este editorial seria pouco para abordar todos eles. Mesmo assim, aproveito para comentar um fato que comprovadamente leva não só ao aumento do risco de suicídio como também à precariedade em sua abordagem: a dificuldade dos pacientes no acesso aos dispositivos de tratamento em saúde mental

Da mesma forma, muitos são os motivos dessa dificuldade e, de todos, discuto a forma estigmatizada com a qual ainda tratamos o sofrimento psíquico e os profissionais de saúde mental. Frequentemente ainda somos levados a pensar que não há necessidade real em submeter-se à qualquer tipo de tratamento em saúde mental. Sintomas de muitos transtornos são vistos como “fraquezas de espírito”, preguiça, ociosidade e muito mais. Ainda vivemos em uma sociedade que desconsidera (ou desconhece) as alterações cerebrais já descritas em diversos transtornos e que são causas de muitos sintomas. Mesmo assim, culpabilizamos e responsabilizamos os pacientes imputando-lhes ainda mais sofrimento.

---

<sup>a</sup> Professor Auxiliar do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental. Universidade Federal Fluminense. Correspondência: [guilhermegoncais@gmail.com](mailto:guilhermegoncais@gmail.com)

O estigma do adoecimento mental ainda é marcante em nossa sociedade. Aliás, muito provavelmente, a palavra estigma que inicialmente significava somente uma marca ou mancha feita no corpo recebeu uma conotação negativa pelo hábito de marcar-se com ferro escravos e criminosos nas sociedades antigas. Quando nos referimos por essa palavra também atribuímos um caráter marginalizado aos pacientes, conseqüentemente damos menos importância aos locais de tratamento, hierarquizamos os sofrimentos e damos menos importância aos sintomas do sofrimento psíquico.